

A CONCEPÇÃO ONTO-ESTÉTICA DE LUKÁCS: POTENCIALIDADES DA LITERATURA DE LIMA BARRETO¹

Angélica dos Santos Freire²
Adéle Cristina Braga de Araújo³
Fabiano Geraldo Barbosa⁴

Resumo

Neste estudo, buscamos elucidar os elementos que caracterizam a concepção onto estética de Lukács, a partir do materialismo histórico e dialético, analisando os escritos de Lima Barreto por meio dos elementos que compõem o método do realismo lukacsiano. Apontamos a literatura de Lima Barreto como um autêntico exemplar do realismo e usamos como referenciais os teóricos Marx (2010), Lukács (2013; 2023) e Coutinho (1967; 2011). Compreendemos que o autor captou os movimentos históricos de seu tempo, imprimindo, em sua literatura, a totalidade social em sua realidade concreta.

Palavras-chave: Literatura; Lima Barreto; Realismo Lukacsiano; Formação Humana.

LA CONCEPCIÓN ONTOESTÉTICA DE LUKÁCS: POTENCIALIDADES DE LA LITERATURA DE LIMA BARRETO

Resumen

En este estudio, buscamos esclarecer los elementos que caracterizan la concepción ontoestética de Lukács, a partir del materialismo histórico y dialéctico, analizando los escritos de Lima Barreto por medio de los elementos que conforman el método del realismo lukacsiano. Señalamos la literatura de Lima Barreto como un auténtico ejemplo del realismo y utilizaremos como referencias teóricas a Marx (2010), Lukács (2013; 2023) y Coutinho (1967; 2011). Entendemos que el autor captó los movimientos históricos de su tiempo, imprimiendo en su literatura la totalidad social en su realidad concreta.

Palabras clave: Literatura; Lima Barreto; Realismo Lukácsiano; Formación Humana.

LUKÁCS' ONTOAESTHETIC CONCEPTION: POTENTIALS OF LIMA BARRETO'S LITERATURE

Abstract

In this study, we aim to elucidate the elements that characterize Lukács's onto-aesthetic conception, grounded in historical and dialectical materialism, by analyzing the writings of Lima Barreto through the key components of Lukácsian realism. We identify Lima Barreto's literature as an authentic example of realism and will adopt as theoretical references: Marx (2010), Lukács (2013; 2023), and Coutinho (1967; 2011). We understand that the author captured the historical movements of his time, inscribing in his literature the social totality in its concrete reality.

Keywords: Literature; Lima Barreto; Lukácsian Realism; Human Formation.

¹Artigo recebido em 10/03/2025. Primeira Avaliação em 26/05/2025. Segunda Avaliação em 26/08/2025. Terceira Avaliação em 28/10/2025. Aprovado em 11/11/2025. Publicado em 10/12/2025.

DOI: <https://doi.org/10.22409/tn.v23i52.66096>

² Doutoranda em Educação, pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Ceará (UFC) - Brasil. Professora de História, da rede municipal de Fortaleza (PMF/SME).

E-mail: angelica.freire@yahoo.com.br. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/6865365471940677>.

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-3524-2427>.

³ Doutora em Educação, pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Ceará (UFC). Professora do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará (IFCE).

E-mail: adele.araujo@ifce.edu.br. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/4698247619300122>.

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-0386-4053>.

⁴ Doutor em Educação, pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Ceará (UFC). Professor do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará (IFCE). Professor do Programa Associado de Pós-Graduação em Ensino e Formação Docente (PPGEF – IFCE/UNILAB).

E-mail: fabiano.barbosa@ifce.edu.br. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/9006509861689166>.

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-9303-9523>.

Introdução

No alvorecer da Primeira República, Afonso Henrique de Lima Barreto conduzia as suas publicações tendo como lugares de ofício os diversos periódicos⁵ pelos quais percorreu como colaborador, no Rio de Janeiro. Entre os poucos anos que a vida lhe ofertou, Lima transitou entre diferentes gêneros literários, produzindo contos, crônicas e romances.

Nos subúrbios da capital federal do Brasil, se encontravam as paisagens que o escritor referenciava em seus textos, nas quais observava “a arquitetura dos vários bairros e estações de trem, os tipos, os vizinhos, a ‘aristocracia suburbana’, os funcionários públicos como ele, os estudantes, os ‘humilhados’, os operários, as senhoras, as moças” (Schwarcz, 2017, p. 163 – aspas da autora). Assim, Lima Barreto ficou conhecido como o escritor dos subúrbios, pela forma como retratou, em suas obras, a realidade da sociedade brasileira e as contradições existentes nela no início do século XX.

Ao longo de sua trajetória intelectual, Lima Barreto enfrentou muitas dificuldades para publicar as suas obras. Tal explicação pode ser conferida pela escassa verba de que o escritor dispunha, pois “várias vezes Lima Barreto reclamou da falta de recursos e da necessidade que tinha de publicar seus romances e contos, só lhe sobrando a saída de usar sua própria e minguada renda” (Schwarcz, 2010, p. 52). Além disso, o autor tinha uma postura crítica que externava de forma ácida e perspicaz, direcionada à grande imprensa, aos políticos e à contraditória elite que buscava respirar os ares do progresso, sem se desvincular das velhas artimanhas aristocráticas para conseguir prestígio e poder.

Com os poucos recursos que tinha, o autor tentava equilibrar as finanças entre as despesas familiares e os investimentos com as publicações dos seus textos que lhes eram tão raros. Mesmo diante de tantos esforços pessoais e com a ajuda de um pequeno círculo de amigos, muitos de seus escritos não saíram do papel, especialmente alguns contos⁶, que tiveram publicação póstuma, bem como a obra

⁵ Entre as revistas e os jornais cariocas nos quais Lima Barreto colaborou, destacam-se: *Fon-Fon*, *Floreal*, *Correio da Manhã* e *Gazeta da Tarde*.

⁶ Em 2010, a pesquisadora Lilia Schwarcz, também biógrafa do autor, organizou uma coletânea com os seus contos (Barreto, 2010) que contempla “os contos publicados pelo autor em vida; os que ganharam espaço em edições póstumas, publicados sem o aval do escritor; e os deixados sob a forma de manuscritos, completos ou não, guardados em tiras de papel no acervo da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro, muitos deles inéditos” (Schwarcz, 2010).

Clara dos Anjos, cuja produção o acompanhou por longos anos, mas só foi publicada no ano de 1948.

O escritor dos subúrbios, após a sua morte, em 01 de novembro de 1922, sucumbiu ao profundo esquecimento, sendo afastado do cânone literário do período em que se dedicou à escrita. Apenas na década de 1950, o pesquisador Francisco de Assis Barbosa⁷, numa visita aos familiares do escritor, detentores dos registros das suas produções⁸, iniciou o processo de publicação das obras. Porém, destacaram-se algumas dificuldades como a recusa de editores ou edições sem o zelo devido, “até que a Brasiliense adquiriu os direitos autorais e começou a divulgar com regularidade as obras de Lima Barreto, a partir de 1956, não de toda a coleção, mas de volumes avulsos, de preferência os romances e os contos” (Barbosa, 2012, p. 25). Assim, a literatura barretiana pôde dar os seus primeiros passos rumo a um reconhecimento de maior amplitude.

No texto *O significado de Lima Barreto em nossa literatura*, publicado na década de 1970, Carlos Nelson Coutinho ressalta que Lima criou um novo realismo ao romper com as heranças⁹ deixadas pelos escritores de renome que lhe antecederam, como Machado de Assis. A importância de estudar a literatura de Lima Barreto alicerça-se na tomada de posição do autor, pois, mesmo consciente de seu isolamento que, em muitos momentos, tornou-o incompreendido, inaugurou “uma literatura que conjugue indissoluvelmente a grandeza estética com um profundo espírito popular e democrático, com uma aberta tomada de posição em favor dos ‘humilhados e ofendidos’” (Coutinho, 2011, p. 104 – aspas do autor).

Em seu entendimento acerca do realismo, Lukács ancorou-se na perspectiva de processualidade histórica defendida por Marx e Engels, definindo que, para compreender uma obra literária, é impossível analisá-la como uma simples reprodução da realidade, mas como uma produção que elucida o seu tempo. O esteta salienta que “toda autêntica literatura, que reflete de um ou de outro modo a vida da

⁷ Francisco de Assis Barbosa foi responsável por descortinar a literatura de Lima Barreto, tirando-o do esquecimento em que foi posto nos círculos literários. Também foi o primeiro biógrafo do escritor, publicando, em 1952, a biografia *A vida de Lima Barreto*, conquistando o prêmio Fábio Prado.

⁸ Os originais de algumas obras e contos escritos por Lima Barreto, encontram-se na Fundação Biblioteca Nacional, junto aos demais manuscritos que são atribuídos ao autor.

⁹ As heranças às quais Coutinho se refere têm como tendência o “intimismo à sombra do poder”, termo alcunhado por Thomas Mann e amplamente divulgado por Lukács, que se relacionava aos intelectuais que ficavam alheios à realidade concreta (Coutinho, 2011, p. 91).

sociedade, deve se basear, em última instância, na dialética entre fenômeno e essência" (Lukács, 2011, p. 170).

Na esteira do realismo lukacsiano, por meio da caracterização dos seus personagens na composição de uma obra autêntica, os escritores deveriam tomar "apaixonadamente posição contra os efeitos perniciosos e envilecedores da divisão capitalista do trabalho e colhessem o homem na sua essência e na sua totalidade" (Lukács, 2010, p. 21). Sob essa égide, "Lima figura e critica, no plano especificamente estético, a realidade social de seu tempo" (Coutinho, 2011, p. 107), configurando-se, portanto, em um autor autêntico, atento às dinâmicas da sociedade.

O presente artigo busca, no contexto das relações entre arte e a formação humana, desenvolver aproximações entre a literatura barretiana e o realismo defendido por György Lukács. Consideramos que o realismo deve ser compreendido no cerne do movimento do real. Para tanto, evidenciamos como fundamento teórico o materialismo histórico e dialético de base ontológica, devidamente recuperado por Lukács, no qual a prioridade de análise ocorre por meio do conhecimento do real articulando-se à totalidade.

Salientamos que, para o entendimento estético de uma obra realista, apenas o método do materialismo histórico e dialético cumpre a possibilidade de apreensão da realidade concreta, percebendo as suas permanências, transformações e contradições.

A compreensão do valor estético de uma obra, como vimos, requer o emprego dos métodos do materialismo dialético, notadamente das categorias peculiares do reflexo artístico da realidade. Se uma obra de arte não realiza estas categorias, ou se só as realiza parcialmente, ela não será realista, não terá validade estética universal, não obstante refletir mecanicamente fragmentos da realidade ou expressar uma tendência ideológica fundamental da sociedade (Coutinho, 1967, p. 133).

Nesse percurso, pretendemos suscitar as problemáticas que partem em torno do realismo lukacsiano em diálogo com a literatura barretiana, pontuando alguns questionamentos: como a literatura, enquanto expressão da arte e do patrimônio cultural da humanidade, pode influenciar na formação humana? Quais as especificidades do método do realismo lukacsiano no contexto de apreensão de uma obra realista? Quais as aproximações que podemos tecer entre a literatura barretiana e o realismo lukacsiano?

Nesse sentido, apresentamos como objetivo analisar os escritos de Lima Barreto a partir dos elementos que compõem o método do realismo defendido pelo filósofo húngaro György Lukács.

Desse modo, no primeiro tópico procuramos apresentar a literatura como expressão da arte e suas possibilidades na formação humana. Em seguida, buscamos elucidar os elementos fundamentais de caracterização da concepção onto-estética de Lukács, a partir do materialismo histórico e dialético para, enfim, apresentar as potencialidades da literatura barretiana no solo teórico do realismo em Lukács.

A literatura e a formação humana

Neste estudo, pretendemos, por meio de uma pesquisa teórico-bibliográfica, alicerçar-nos na esteira da ontologia marxiana, recuperada por Lukács, que comprehende o trabalho como a categoria fundante do ser social, a qual articula-se ao surgimento dos demais complexos sociais.

Na acepção de Lukács (2013), a constituição do ser social por meio do trabalho, bem como o surgimento de novos complexos, erige-se sobre a historicidade como categoria fundamental de análise. Portanto, o conhecimento do objeto exige o correto entendimento de seu processo histórico e social. Essa consideração acerca da historicidade desencadeia um movimento para além da aparência no processo de desvelamento do objeto. “Marx, respondendo às demandas essenciais da classe trabalhadora lançou os fundamentos de um paradigma científico-filosófico radicalmente novo e que este paradigma é o que melhor permite compreender a realidade social” (Tonet, 2013, p. 10).

O ser social, em seu processo de constituição, fundamenta-se na transformação que este promove na natureza, produzindo algo novo por meio do trabalho (Lukács, 2013). Esta dinâmica vincula-se ao cerne da sobrevivência humana, cuja intervenção no meio natural proporciona o suprimento das suas carências imediatas sob um contexto de determinações históricas. Com a complexificação do ser social no processo do trabalho, novos complexos vão surgindo e, consequentemente, novas necessidades e novas possibilidades. Entre os complexos

que surgem, a arte¹⁰ tem um papel fundamental na elevação do ser social, visto que opera em um novo contexto de carências, não mais àquelas ligadas à reprodução orgânica imediata.

Ao lançarmos a compreensão de que a literatura é um elemento que propicia a formação humana, torna-se preponderante refletirmos acerca da função social da arte e o seu papel na educação do ser humano. No rol dessas reflexões, importa-nos entender que a arte não se direciona apenas ao intelecto, à consciência que percorre o pensamento, mas, no seu processo de apreensão, ela direciona-se, também, e prioritariamente, aos sentimentos, à imaginação, ao âmbito que atinge os afetos, aos sentidos humanos. Há, portanto, um processo recíproco de elevação da sensibilidade, da ampliação e complexificação dos sentidos fundamentais (audição, olfato, paladar, tato, visão), na medida que a singularidade se apropria da humanidade objetivada na arte.

A processualidade histórica, evidenciada pelo materialismo histórico e dialético de base ontológica, se expressa na gênese e desenvolvimento do gênero humano, do mesmo modo que atua na complexificação das faculdades humanas, compreendidas como os sentidos humanos. Portanto, os sentimentos, as sensações, os modos de se relacionar, conformam-se por meio da forma social na qual os indivíduos estão inseridos. Em Marx (2010), compreendemos a apropriação feita pelo ser humano que culmina em sua formação omnilateral.

O homem se apropria da sua essência omnilateral de uma maneira omnilateral, portanto como um homem total. Cada uma das suas relações *humanas* com o mundo, ver, ouvir, cheirar, degustar, sentir, pensar, intuir, perceber, querer, ser ativo, amar, enfim todos os órgãos da sua individualidade, assim como os órgãos que são imediatamente em sua forma como órgãos comunitários, são no seu comportamento objetivo ou no seu *comportamento para com o objeto* a apropriação do mesmo, a apropriação da efetividade *humana*; seu comportamento para com o objeto é o *acionamento para a efetividade humana* (por isso ela é precisamente tão múltiplice quanto múltiplas são as *determinações essenciais e atividades humanas*), *eficiência humana* e *sofrimento humano*, pois o sofrimento, humanamente apreendido, é uma autofruição do ser humano (Marx, 2010, p. 108 – grifos do autor).

¹⁰ Há uma dificuldade de estabelecer um recorte temporal específico acerca do surgimento do complexo da arte. Contudo, Lukács (2023) sistematiza um caminho para explicar a gênese desse complexo, considerando o desenvolvimento da técnica que ocorre no processo de trabalho, o tempo de ócio, a relação entre o útil e o agradável e, por fim, a consciência da atividade estética, como fatores imprescindíveis à produção artística dos indivíduos.

Sob as reflexões de Marx, é possível empreender uma concepção da arte como potência enriquecedora das faculdades humanas, visto que no âmbito dos modos de pensar e dos modos de sentir, ela contribui para uma perspectiva formativa voltada à ominilaterialidade. Para Marx (2010, p.112- grifos do autor), “o homem *rico* é simultaneamente um homem *carente* de uma totalidade da manifestação humana de vida” e, por isso, deve possuir o provimento das necessidades físicas e das necessidades ontológicas, que podem ser contempladas pela arte, conduzindo ao aprimoramento dos sentidos humanos.

Nesse contexto, refletimos sobre o deleite estético que é negado à classe trabalhadora, cujo suprimento dessa necessidade se revela de forma rasa. A literatura, enquanto expressão da arte, constitui um valioso patrimônio cultural que precisa ser socializado combatendo as formas que aviltam a existência humana, sendo um instrumento imprescindível na formação do ser social. Numa sociedade do capital, na qual predomina a exploração de uma classe sobre a outra, a negação da literatura se constitui uma expressão da negação da própria humanidade.

Nesse sentido, a sociedade, ao ser influenciada pelos grupos hegemônicos que controlam as diversas dimensões da vida, incluindo a arte, deve lutar pelo acesso à fruição estética que busca a integridade humana. No rol que contempla o efeito humanizador da literatura, Celso Frederico (2021, p. 29-30), compartilha uma experiência pessoal:

A primeira vez que fui ao teatro foi para assistir a peça *A moratória*, de Jorge Andrade, um drama social que conta a bancarrota de um fazendeiro paulista. Acompanhei os infortúnios narrados e chorei emocionado. Algumas décadas depois, lembrei a experiência e contei-a para minha mulher. Ela disse-me que havia assistido à peça e também havia chorado. Mas depois, voltando para casa, ela recriminou-se por ter chorado pelas dores de um latifundiário que perdera a propriedade. Como alguém que não tem nenhuma simpatia por fazendeiro e pela propriedade privada deixou-se levar pelo sentimentalismo? Ela se sentiu enganada. De minha parte, às vezes me perguntava: eram justas as lágrimas vertidas? A leitura de Lukács dissipou a dúvida: tudo que é humano me diz respeito.

Promover uma articulação entre a formação dos sentidos humanos e o efeito humanizador da arte, para Celso Frederico (2021, p. 29), é compreender que uma arte realista não manipula os sentimentos dos indivíduos, mas “reafirma a nossa presença ao gênero humano, que dissolve a reificação presente na sociedade burguesa”, ressaltando que “a arte fala à humanidade” (2021, p.30).

Entre as funções que a literatura desempenha na sociedade, ressaltamos a sua função humanizadora, pois, na acepção do crítico literário Antonio Candido, ela “desenvolve em nós a quota de humanidade na medida em que nos torna mais compreensivos e abertos para a natureza, a sociedade, o semelhante” (Candido, 2011, p. 182). Sobre o efeito humanizador da literatura no contexto que também percorre a representação da realidade social o realismo lukacsiano defende a apreensão do real, em sua totalidade, pois uma obra de arte autêntica indica as determinações histórico-culturais do seu período.

Na acepção de Coutinho (2011, p. 120), Lima Barreto perscruta em sua escrita “uma demolidora e implacável crítica àquela sociedade que, condena ao ridículo, à extravagância e à bizarrice as mais profundas e autênticas inclinações do nosso povo, no sentido de realização humana”, não abstendo-se de trazer à baila as contradições de seu tempo. Nesse estudo, consideramos preponderante ampliar a discussão para um breve entendimento sobre o realismo lukacsiano e sua aproximação com a literatura barretiana.

O realismo lukacsiano e a literatura autêntica

A trajetória do filósofo húngaro György Lukács perpassou pelos principais acontecimentos do século XX. O arcabouço dessa experiência o fez vivenciar dificuldades que influenciaram os seus posicionamentos enquanto crítico e teórico marxista, mormente em sua obra de maturidade. Em todo o percurso intelectual trilhado pelo filósofo húngaro, Netto (2023, p. 53) ressalta que havia uma demonstração de interesse em investigar acerca da constituição da estética e, consequentemente, da literatura, pois “no interior de sua investigação sistemática sobre a arte que, desde então, ocupará sua reflexão até os últimos dias, ele privilegia apaixonadamente o *realismo*”.

Em um de seus momentos de exílio, em Moscou, na década de 1930, Lukács aprofundou-se nos estudos dos textos de Marx e Engels referentes à literatura e à

arte¹¹. A partir das leituras das obras *Manuscritos Econômico-Filosóficos*, de Marx¹², e os *Cadernos Filosóficos*, de Lênin, Lukács pôde inclinar-se aos propósitos voltados à elaboração de uma concepção onto estética, fundamentada no materialismo histórico e dialético. Dessa forma, em um período de maior maturidade, Lukács deixa como legado duas importantes obras, *Estética* e *Para uma ontologia do ser social*, cujos esforços culminaram em um estudo sistematizado sobre a estética e na recuperação de uma ontologia materialista a partir da obra de Marx.

É imprescindível compreender que o realismo que Lukács defende não se trata de uma escola literária, “não está circunscrito ao estilo, a uma técnica específica ou a um período da história da arte” (Diógenes, 2019, p. 59), mas se relaciona a um procedimento estético.

Apoiando-se em indicações de Engels, Lukács sustenta que o realismo não é uma simples questão de estilo ou de técnica: é o problema nuclear de *toda* a arte: o realismo não é um dado formal: é o único *método* compositivo que permite a realização da autêntica configuração artística, a apreensão da realidade como totalidade em movimento dialético (Netto, 2023, p. 54).

Para uma compreensão atenta acerca das categorias próprias do realismo lukacsiano, temos, como o seu ponto de apoio, a tipicidade e o método narrativo. No âmbito da tipicidade, Lukács recorre à formulação de Engels, cuja implicação ocorre com a fidelidade diante da reprodução de personagens típicos em situações típicas que, por meio dessa representação, “na descoberta de caracteres e situações típicas, que as mais importantes tendências da evolução social conseguem uma expressão artística apropriada” (Lukács, 2010, p. 27). Um personagem típico caracteriza-se por representar as amplas alternativas de um caráter social, no contexto de uma situação concreta.

Para um melhor aprofundamento acerca da tipicidade no realismo, recorremos às análises de Frederico (2013, p. 106), ao ressaltar que,

Marx, em suas pesquisas, privilegia o tipo *típico*. Podemos definir o típico como um *exemplar* que exprime com a máxima clareza a

¹¹ No texto *Introdução aos escritos estéticos de Marx e Engels* (2010), Lukács salienta o fato de Marx e Engels não terem publicado um estudo sistematizado sobre a literatura. No entanto, o filósofo apropriou-se da leitura de cartas e anotações de conversas por eles registradas que, entre tantos assuntos presentes, abordavam sobre as problemáticas em torno da literatura.

¹² Ao defrontar-se com a obra *Manuscritos econômicos-filosóficos*, de Marx, Lukács não apenas vislumbrou caminhos para os estudos em torno da estética, mas também estreitou as vias de acesso para uma interpretação do marxismo pelo viés ontológico (Frederico, 2015, p. 109).

verdade de sua *espécie*. Ele é um ser específico, *singular*, que, ao mesmo tempo, concentra as tendências mais essenciais da espécie (*universal*) em questão.

Na esteira de Lukács, precisamos ainda acenar para a caracterização em torno da tipicidade, quando compreendemos que “a riqueza interior de um personagem literário deriva da riqueza de suas relações internas e externas, da dialética entre a superfície da vida e as forças objetivas e psíquicas que atuam em profundidade” (Lukács, 2010, p. 102).

Para que tal movimento aconteça, é imprescindível o processo de criação que parte de um escritor autêntico, pois quanto mais foge da superficialidade, aprofundando-se no cerne das relações, mais rica será a apressão acerca da totalidade social. Lukács acentua que, quanto mais autêntico for um autor, mais poderá revelar “as grandes contradições internas do desenvolvimento social, e tanto mais organizadamente logrará o escritor relacionar aos grandes conflitos sociais o destino singular do personagem pelo qual se interessa” (Lukács, 2010, p. 102).

Concomitantemente, o personagem típico só encontra terreno fértil no solo do realismo quando coadunado com o método narrativo que, genuinamente, “não reproduz os detalhes da vida, mas, seletivamente, captura apenas sua essencialidade” (Netto, 2023, p. 54).

No ensaio *Narrar ou Descrever?*, publicado por Lukács em 1936, perpassam os procedimentos estéticos do realismo, bem como um aprofundamento acerca do método narrativo, que “opõe-se ao método descritivo que coloca a descrição das coisas em pé de igualdade com a atividade humana” (Frederico, 2015, p. 114). O método narrativo que privilegia a ação da personagem, é posto pelo filósofo em um pilar de grande importância para o realismo em detrimento da descrição naturalista¹³ que, por sua vez, promove a escassez do sentido humano que tem a vida social, suprimindo da personagem a centralidade da ação.

Embora Marx e Engels não tenham escrito de maneira sistemática sobre a arte, ambos deixaram registros de cartas e diversos textos sensíveis à temática. Tais fontes possibilitaram ao filósofo húngaro aprofundar os estudos estéticos marxistas de modo sistematizado, contribuindo amplamente para os fundamentos do realismo. Uma

¹³ Lukács ressalta que a estética marxista põe o realismo sob a importância de centro da teoria da arte, combatendo “firmemente qualquer espécie de naturalismo, qualquer tendência à mera reprodução fotográfica da superfície imediatamente perceptível do mundo exterior” (Lukács, 2010, p. 24).

literatura autêntica, bem como o seu poder social, deve alcançar a essência, buscando o novo que, segundo Lukács, se configura no homem.

O imenso poder social da literatura consiste precisamente em que nela o homem surge sem mediações, em toda a riqueza de sua vida interior e exterior; e isto num nível de concretude que não pode ser encontrado em nenhuma outra modalidade do reflexo da realidade objetiva. A literatura pode representar os contrastes, as lutas e os conflitos da vida social tal como eles se manifestam no espírito, na vida do homem real. Portanto, a literatura oferece um campo vasto e significativo para descobrir e investigar a realidade. Na medida em que for verdadeiramente profunda e realista, ela pode fornecer, mesmo ao mais profundo conhecedor das relações sociais, experiências vividas e noções inteiramente novas, inesperadas e importantíssimas (Lukács, 2010, p. 80).

Ancorada em Lukács, a literatura autêntica se revela por meio de um escritor capaz de representar a totalidade da vida social. Dessa forma, partiremos para a discussão que busca articular a literatura de Lima Barreto no cerne do realismo, posicionando-o como um autor sensível à genericidade humana.

Lima Barreto na senda do realismo lukacsiano

A concepção de realismo apresentada por Lukács nos possibilita compreender as forças sociais em contradição, configuradas em profundidade no interior dos personagens, em seus movimentos históricos. Evidenciamos, portanto, a importância do método narrativo, que se contrapõe ao método descritivo, e a tipicidade, cujos personagens típicos, em sua trajetória, conseguem concentrar as contradições sociais do seu tempo, entranhadas em si, vividas com a sua realidade material e atravessadas de história.

Nesse percurso, compreendemos a preponderância do escritor autêntico no sustentáculo do realismo lukacsiano, pois

O escritor atinge um grau ainda maior de realismo, quanto mais ele consegue trazer à luz, de lá do fluxo dos fenômenos da superfície, as verdadeiras forças motrizes, do desenvolvimento social, isto é, a essência – artisticamente configurada – de um dado momento ou situação ou contexto histórico-social, relevante para a humanidade. Motivação do agir humano, formação e fixação dos tipos, representação do destino dos indivíduos retiram força e alimento do reconhecimento do seu pertencimento à totalidade, da sua recondução para dentro do quadro unitário da realidade em movimento (Oldrini, 2019, p. 166).

Alguns escritores são referenciados por Marx e Engels como autênticos, porém o autor francês, Honoré de Balzac, destaca-se no topo das predileções. Tal favoritismo é justificado porque “ele penetra nas contradições da ordem econômica capitalista; a imagem do mundo própria do Balzac criador aproxima-se extraordinariamente do quadro satírico da sociedade capitalista” (Lukács, 2010, p. 34). A partir dessa caracterização de Lukács acerca de um escritor autêntico tomando Balzac como exemplo, tecemos as aproximações do Lima Barreto com o realismo lukacsiano. Nesse intuito, o texto de Coutinho (2011) nos apresenta as primeiras aproximações entre o escritor dos subúrbios e o realismo, discutindo alguns conceitos lukacsianos.

Encontramos em Lima Barreto os elementos que caracterizam um escritor realista que, na acepção lukacsiana, não pode ignorar as forças da reificação que ameaça a existência dos indivíduos, pois deve tomar partido em favor da humanidade contra a sociedade desumana. Coutinho (2011), ao tecer comentários acerca do pioneirismo do escritor dos subúrbios no realismo, evidencia que:

Retirar Lima do injusto esquecimento em que o querem sepultar, reexaminar a sua obra em função dos problemas gerais da literatura brasileira, não são assim tarefas acadêmicas ou meramente “literárias”: fazem parte da necessária e urgente reavaliação crítica da nossa herança cultural progressista, entendida como ponto de partida para a construção de uma nova cultura brasileira democrática e nacional-popular (Coutinho, 2011, p. 139 – aspas do autor).

Ao atentar-se para os dramas humanos e para os grandes problemas que tratam do progresso do gênero humano, Lukács salienta que, “nenhum grande escritor pode permanecer indiferente diante delas; e, sem tomar apaixonadamente posição em face de tais questões, não será possível criar tipos autênticos, com o que não terá lugar o verdadeiro realismo” (Lukács, 2010, p. 32).

Coutinho (2011, p. 90) ressalta a influência que Lima Barreto tem sobre a literatura brasileira, evidenciando, sobretudo, o caráter realista que a sua obra representa.

Assim, nos períodos em que se destaca a função crítico-social da arte, o papel que ela desempenha na formação da autoconsciência da humanidade. Lima Barreto encontra o elevado posto que lhe é devido no quadro de nossa literatura. Ao contrário, nas épocas em que floresce uma visão formalista ou esteticista da arte, desce sobre a obra do romancista um absoluto silêncio, interrompido apenas pelas desdenhosas afirmações de que ele desconheceria os “instrumentos

específicos da escrita". Isso não é de modo algum casual. Lima Barreto não pode ser "reinterpretado", ou seja, mutilado ou empobrecido a fim de servir aos propósitos das correntes esteticistas ou reacionárias no campo da literatura; o inequívoco caráter realista e democrático-popular de sua obra se impõe com tal evidência, de modo tão absolutamente inofismável, que os cultores brasileiros do esteticismo só podem reagir diante dela com o silêncio ou a mistificação.

Para compreender o realismo nos escritos de Lima Barreto e o seu desenvolvimento na literatura brasileira, é fundamental considerar o seu solo histórico-social de evolução. Nesse sentido, a análise das personagens construídas pelo referido autor sob a categoria da tipicidade, na esteira de Lukács, instiga-nos à compreensão de que os personagens presentes em seus contos apresentam um panorama da sociedade brasileira da Primeira República, contemplando suas singularidades, mas, também, expressando as tendências gerais que transcorrem a sociedade (Frederico, 2015).

O recorte histórico das décadas iniciais da Primeira República não propiciou mudança no alicerce no qual se sustentou a sociedade brasileira em sua formação. Pois, ao adentrar no capitalismo, passa a depender do capital internacional para impulsionar a indústria, surgindo, assim, as primeiras turbulentas lutas de classe, abarcando uma oligarquia de forte influência política e o proletariado. Lima Barreto, sendo um escritor atento aos movimentos históricos desse período, não ficará alheio às transformações advindas com os anos republicanos, e dedicará em sua escrita as inquietações provenientes desse processo de luta de classes.

No texto *Sobre a carestia*, publicado no jornal "O Debate", em 1917, Lima discorre acerca do aumento nos preços dos produtos de necessidades primárias, salientando que,

Nunca o Brasil as produziu tanto e nunca elas foram tão caras. O plantador, o operário agrícola continua a ganhar o mesmo; mas o consumidor as está pagando pelo dobro. Quem ganha? O capitalista. Ele e unicamente ele, por quanto o fisco mesmo continua a receber o mesmo ou quase o mesmo que antigamente (Barreto, 2013, p. 39).

O escritor dos subúrbios tinha uma percepção aguçada acerca da carestia desses produtos sobre os mais pobres. Afinal, Lima Barreto era um trabalhador que também falava aos trabalhadores. Apesar de ter o sonho de viver da sua literatura, Lima Barreto era um funcionário público, que ocupava o cargo de amanuense no Ministério da Guerra. Frustrado por não conseguir dedicar-se integralmente à

produção dos seus textos, Lima via-se obrigado a trabalhar para sustentar a sua família, incluindo o seu pai que necessitava de cuidados, pois, após sofrer um surto psicótico, não mais recuperou as faculdades mentais. O escritor, que, muitas vezes, economizava os parcós recursos que tinha para fazê-los render até o final do mês, era conhecedor da realidade em sua concretude, e sabia que o peso da carestia dos alimentos recaía sobre os trabalhadores.

Na crônica *Palavras de um ‘snob’ anarquista*, publicada no periódico “A Voz do Trabalhador”, em 1913, Lima Barreto questiona o jornalismo que divulga de maneira equivocada os supostos altos salários recebidos pelos operários.

O que não é justo, é que muito poucos possam encontrar na vida mais que o supérfluo e alguns mais, unicamente o necessário. Nessa questão, os jornais e os jornalistas são de uma coerência a toda a prova. Eles gabam os altíssimos salários que os operários têm nesta terra, mas nenhum deles quer ser o operário que os vence. Por quê? Porque à situação de operário está ligada uma diminuição de personalidade, de consideração à sua importância necessária e puramente humana. De resto, o trabalho árduo é feito durante muitas horas seguidas e o cansaço tira e embota a alegria das restantes horas de repouso (Barreto, 2013, p. 24).

Lima Barreto usa de ironia para criticar a forma superficial como a imprensa trata a situação dos operários e, de uma maneira bastante direta, expõe o regime de exploração em que vivem os trabalhadores. O autor não apenas denuncia a notícia equivocada dos altos salários destinados à classe operária, mas, também, a exaustiva carga horária a que são submetidos e que lhes subtraem as sensibilidades humanas, tornando-os sem personalidade.

Na esteira de Marx, Frederico (2013, p. 46) discorre sobre a emancipação dos sentidos humanos, asseverando que “trata-se de libertar os sentidos das malhas da alienação social, e não da razão especulativa. A reivindicação dirige-se à vida material da sociedade, não se circunscrevendo mais à esfera da consciência”. Em Marx, portanto, compreendemos que a relação entre os homens e os seus sentidos perpassa pelo desenvolvimento das forças produtivas, em que o sensível não é estático, mas suscetível de mudanças no decurso da história, sendo parte constituinte do processo de humanização.

Nos *Manuscritos econômico-filosóficos*, a tendência a vincular as individualidades empíricas ao processo social reaparece com mais força quando trata do *trabalhador alienado*: este personagem, atormentado por uma atividade sem sentido, só se realiza fora do

trabalho, evadindo-se do inferno da fábrica para os bares, ou, então, cumprindo suas funções biológicas (comer, beber, procriar) (Frederico, 2013, p. 51-52 - grifo do autor).

Nesse sentido, tal alienação e isolamento enfrentados pelo trabalhador que vive nos moldes capitalista só teriam a sua superação “através da vivência fraternal no interior da associação operária, forma inicial de uma nova forma de sociabilidade liberta dos efeitos da propriedade privada” (Frederico, 2013, p. 52). Na perspicácia em observar a vida social em sua totalidade, Lima Barreto apontava que, nesse processo do capitalismo nascente no Brasil, o capitalista, sendo o detentor dos meios de produção era, portanto, o culpado.

No ano de 1918, encontramos, no jornal “A.B.C.”, uma *Carta aberta* escrita por Lima Barreto e endereçada ao então presidente da República, Rodrigues Alves. Nessa missiva que se tornava pública, o escritor tece uma reflexão acerca das relações de poder que são estabelecidas por meio do dinheiro. Ao longo da carta, o autor usufrui de algo que lhe é característico, a ironia fina ao remeter-se exacerbadamente ao presidente como “Vossa Excelência” ou “Excelentíssimo”, sabendo que, para além do uso adequado dos pronomes de tratamento, ao usá-los em demasia, estaria expondo fragilidades de alguém que não possuía destreza para assumir um cargo de presidência de uma nação.

Na sua peculiar concepção ultramoderna e super-humana da vida, em que tudo é dinheiro, tende para ele e se resolve com ele; em que amor é dinheiro e dinheiro é amizade, lealdade, patriotismo, saber, honestidade; tais cavalheiros, dizia eu, Excelentíssimo Senhor, pensaram ultimamente em alugar, arrendar ou mesmo comprar uma cidade bem *chic*, bem catita, para capital nesse feudo brasileiro, cujos habitantes miseráveis eles explorariam de longe por corveia, banalidades, gabelas e outros impostos e dízimos batizados com nomes modernos e canalizados para as suas algibeiras por meios hábeis. Escusado será dizer à Vossa Excelência que o aluguel, o arrendamento ou a compra da cidade em condições seria realizada com o dinheiro do país (Barreto, 2013, p. 110).

Lima Barreto acentua a sua crítica ao destacar uma aparente recusa ao progresso apregoado pelos políticos e entusiastas do regime replicano, comparando as práticas políticas e econômicas brasileiras com os contratos de servidão próprios do sistema feudal, que caracterizavam as relações entre os servos e os senhores. Porém, no rol das relações atuais, o escritor anuncia o dinheiro como norteadores das

interações modernas. Em Marx (2010, p. 159 – grifos do autor), encontramos uma reflexão sobre o nexo do dinheiro:

O que é para mim pelo *dinheiro*, o que eu posso pagar, isto é, o que o dinheiro pode comprar, isso *sou eu*, o possuidor do próprio dinheiro. Tão grande quanto a força do dinheiro é a minha força. [...] O dinheiro é o bem supremo, logo é bom também o seu possuidor, o dinheiro me isenta do trabalho de ser desonesto, sou, portanto, presumido honesto; [...] Além disso, ele pode comprar para si as pessoas ricas de espírito, e quem tem o poder sobre os ricos de espírito não é ele mais rico de espírito do que o rico de espírito? Eu, que por intermédio do dinheiro consigo tudo o que o coração humano deseja, não posso, eu, todas as capacidades humanas?

Sobre o rol das relações humanas, Marx assinala:

Se o *dinheiro* é o vínculo que me liga à vida *humana*, que liga a sociedade a mim, que me liga à natureza e ao homem, não é o dinheiro o vínculo de todos os *vínculos*? Não pode ele atar e desatar todos os laços? Não é ele, por isso, também o meio universal de *separação*? (Marx, 2010, p. 159).

A carta destinada ao presidente Rodrigo Alves pelo Lima Barreto traz, em seu tom, uma situação em que as contradições presentes em uma sociedade são atravessadas por extremas desigualdades. Na sociabilidade regida pelo capital, quem dita as regras, quem tem o poder de comprar uma cidade, de desfrutar de privilégios e manter-se firme nas relações pessoais é o detentor do dinheiro, da propriedade privada, que atribui a si mesmo seus próprios valores, seus objetos e seus vínculos.

O dinheiro, portanto, reduz os sentidos humanos, no âmbito dos afetos, das emoções, dos sentimentos, ao sentido do ter, do possuir. Sendo reduzida a essência humana, “a relação do ser humano com o mundo e com os demais seres humanos e a sociedade fundada na propriedade privada é abordada pela sua qualidade mediada pelo dinheiro” (Cotrim, 2019, p. 4).

Isto posto, consideramos que Lima Barreto não restringiu a sua literatura às superficialidades, mas esteve atento às transformações essenciais da sua época, tecendo em suas linhas um amplo e profundo cenário da totalidade da vida social que pôde vivenciar.

Enfatizamos que a literatura de Lima Barreto, além de romper com os seus antecessores que recusava qualquer aproximação com os problemas reais da sociedade, soube formular “uma renovação do conteúdo humano, ligada a uma proposta de transformação da sociedade. Propôs assim aos escritores a tarefa (...) de

relacionar organicamente a literatura às grandes questões humanas e histórico-sociais da nação e do povo brasileiros” (Coutinho, 2011, p. 138 – grifos do autor).

Cabe-nos, nesse contexto, ressaltar o efeito humanizador que a literatura proporciona ao ser social. Nesses termos, Lukács (2010, p. 19), ao definir o termo *humanitas* como “o estudo apaixonado da substância humana do homem”, acrescenta a necessidade de defesa da integridade do indivíduo contra as tendências que o ameaçam, reforçando que:

Como todas essas tendências (e, naturalmente, em primeiro lugar, a opressão e a exploração do homem pelo homem) não assumem em nenhuma sociedade uma forma tão inumana como na sociedade capitalista – exatamente por seu caráter reificado e, portanto, aparentemente objetivo-, todo verdadeiro artista ou escritor é um adversário instintivo destas deformações do princípio humanista, independentemente do grau de consciência que tenham de todo este processo (Lukács, 2010, p. 19).

A concepção onto-estética de Lukács, que, como indicamos, se estrutura a partir do materialismo histórico e dialético, apresenta o humanismo como princípio de maior essência, sustentando o vínculo entre a grandeza artística, o realismo autêntico e o humanismo como fundamentos que atentam para o homem em sua integridade. Lukács defende que, apenas sob a acepção materialista da história, formulada por Marx e Engels, é possível compreender que as ameaças que corroem a integralidade humana partem da estrutura material da sociedade capitalista.

Conclusão

A concepção onto estética de Lukács, fundada a partir do materialismo histórico e dialético, nos possibilita uma reflexão acerca da dignidade humana, não reduzindo-a à superficialidade, mas tecendo um aprofundamento na busca pela essência e, diante da percepção dos fenômenos artísticos, questionar sobre o seu tempo e refletir, também, sobre o processo de humanização do indivíduo.

Discorremos acerca do fenômeno da literatura como um instrumento propiciador à formação humana, sendo, também, um meio para refletir acerca da realidade concreta, suscitando questionamentos sobre a sociedade. No entanto, apenas questionar essa atual forma de sociabilidade não é suficiente, sendo necessário partir para atuações que vislumbrem a construção de uma nova forma de

sociabilidade que possa saudar as potencialidades humanas em sua forma mais plena.

Nesse rol de possibilidades, compreendemos o realismo lukacsiano como um método que propicia a análise de uma obra literária autêntica, compondo dois pilates: o método narrativo e o método descritivo. Amplamente estudado pelo filósofo húngaro, o realismo propõe, ainda, a importância do escritor autêntico, capaz de captar os movimentos históricos de seu tempo, imprimindo em sua literatura a totalidade social em sua realidade concreta.

Fundamentada, portanto, no realismo lukacsiano, a proposta desenvolvida neste estudo, buscou contemplar o uso da autêntica literatura do escritor Lima Barreto, sob o esteio do realismo lukacsiano. O autor que, ao longo da sua trajetória, foi cerceado em muitos jornais do Rio de Janeiro e, nos anos finais da sua vida, ganhou espaço apenas em alguns jornais de esquerda, limitando um pouco as publicações das crônicas e dos contos que elaborava, mesmo assim, não se absteve em expor os dramas da humanidade e as contradições presentes na sociedade.

Nesse sentido, a luta pela construção de uma nova forma de sociedade deve integrar-se ao processo de emancipação do homem, libertando-o, também, da redução dos sentidos que lhe dilacera e deforma. No sustentáculo no qual este estudo se fundamenta, compreendemos que a literatura pode ser uma mediadora no processo de formação humana, promovendo a elevação da consciência sensível do ser social e proporcionando ao indivíduo o seu engrandecimento.

Referências

- BARBOSA, F. de A. **A vida de Lima Barreto**. Notas de revisão de Beatriz Resende. – 10^a ed. – Rio de Janeiro. José Olympio, 2012.
- BARRETO, L. **Contos Completos**. Organização Lilia Moritz Schwarcz. – São Paulo: Companhia das Letras, 2010.
- BARRETO, L. **Artigos, cartas e crônicas sobre trabalhadores**. Orgs: Antonio Augusto Moreira de Faria, Rosalvo Gonçalves Pinto [et al.]. Belo Horizonte, MG: Fino Traço, 2013.
- CANDIDO, A. **Vários escritos**. Rio de Janeiro: Ed. Ouro sobre Azul. 2011.
- COTRIM, A. Marx, Shakespeare e o nexo do dinheiro. **Signótica**, v. 31, 2019.
- COUTINHO, C. N. **Literatura e Humanismo** – Ensaios de Crítica Marxista. Editora Paz

e Terra, LTDA. Rio de Janeiro, 1967.

COUTINHO, C. N. O significado de Lima Barreto em nossa literatura. In: **Cultura e sociedade no Brasil**: ensaio sobre ideias e formas. 4.ed. São Paulo: Editora Expressão Popular, 2011.

DIÓGENES, L. A. S. **György Lukács e Honoré de Balzac**: um diálogo entre estética, literatura e formação humana. 2019. 221f. Tese (Doutorado em Educação) – UFCE, Fortaleza.

FREDERICO, C. Cotidiano e arte em Lukács. **Estudos avançados**, v. 14, 2000.

FREDERICO, C. **A arte no mundo dos homens**: o itinerário de Lukács. 1^aed.- São Paulo: Expressão Popular, 2013.

FREDERICO, C. Lukács e a defesa do realismo. **Revista Cerrados**, v. 24, n. 39, 2015.

FREDERICO, C. Lukács, arte e educação. **Revista GESTO-Debate**, v. 21, n. 01-12, 2021.

LUKÁCS, G. **Ensaios sobre literatura**. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira S.A, 1965.

LUKÁCS, G. **Marxismo e teoria da literatura**. São Paulo: Expressão Popular, 2010.

LUKÁCS, G. **Arte e Sociedade**: escritos estéticos: 1932-1967. Organização e tradução de Carlos Nelson Coutinho e José Paulo Netto – 2.ed. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2011.

LUKÁCS, G. **Para uma ontologia do ser social II**. São Paulo: Boitempo, 2013.

LUKÁCS, G. **Estética**: a peculiaridade do estético, volume 1 / György Lukács; tradução Nélio Schneider. – 1.ed. – São Paulo: Boitempo, 2023.

MARX, K. **Manuscritos econômico-filosóficos**. São Paulo: Boitempo, 2010.

NETTO, J. P. **Lukács**: uma introdução. 1. ed. – São Paulo: Boitempo, 2023.

OLDRINI, G. **Os marxistas e as artes**: princípios de metodologia crítica marxista. tradução de Mariana Andrade. Maceió: Coletivo Veredas, 2019.

SCHWARCZ, L. M. **Lima Barreto**: termômetro nervoso de uma frágil República. In: Lima Barreto: contos completos, 2010.

SCHWARCZ, L. M. **Lima Barreto**: triste visionário. 1^a ed. São Paulo, Companhia das Letras, 2017.

TONET, I. **Método científico**: uma abordagem ontológica. São Paulo: Instituto Lukács, 2013.